

Algoritmo de acentuação gráfica e protocolo de parcimônia: uma proposta para otimização do ensino e uso das regras de acentuação gráfica

Vera Pacheco¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil

Marian Oliveira²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil

Resumo: A omissão de acentos gráficos é um desvio ortográfico comum na escrita de alunos dos anos iniciais da alfabetização, que tende a se estender para além dessa fase. Uma explicação possível para esse fato pode ser a forma fragmentada e desarticulada com que o acento gráfico é ensinado na escola. O acento gráfico é ensinado por meio de uma série de regras a serem decoradas, e a estreita relação que existe entre estrutura silábica, tonicidade e acento gráfico é desconsiderada. Diante disso, este artigo propõe um algoritmo de acentuação gráfica e um protocolo de parcimônia que têm como princípios básicos a relação entre estrutura silábica, tonicidade e acentuação gráfica e aspectos fonológicos marcados e não marcados. Esse algoritmo poderá ser uma forma alternativa de se trabalhar acentuação gráfica nas escolas, bem como um material de apoio aos escreventes proficientes no uso dos acentos gráficos de forma mais consciente.

Palavras-chave: Acentuação gráfica; Estrutura silábica; Tonicidade; Algoritmo.

Title: Graphical accentuation algorithm and parsimony protocol: a proposal for optimizing the teaching and use of graphic accent rules

Abstract: In the initial grades, a common deviation in students' writings is the omission of the graphic accents and this may extend to other school phases. A Fragmented and disjointed teaching of graphic accents at school may be the explanation for this fact. In general, graphic accents are taught through a series of rules that must be memorized by students. In addition, the relationship between syllabic structure, tonicity and graphic accent is not considered. In this article, our objective is to propose a graphical accentuation algorithm and a parsimony protocol. This proposal considers the relationship between syllabic structure, tonicity and graphic accentuation. It also considers marked and unmarked phonological aspects of Portuguese. We believe that the proposed algorithm can

¹ Mestrado e Doutorado em Linguística pela Unicamp e pós-doutorado na Unesp/Araraquara. Professora plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua como professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Programa Mestrado Profissional em Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>. E-mail: vera.pacheco@gmail.com.

² Doutora em Linguística, pela Unicamp, Campinas, Brasil, área de concentração Fonética e Fonologia. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde é professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Programa Mestrado Profissional em Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8243-152X>. E-mail: mdossoliveira@gmail.com.

contribute to the teaching of graphic accents in schools and also to a more conscious use of graphic accents by more proficient writers.

Keywords: Graphic accentuation; Syllable structure; Tonicity; Algorithm.

Acento gráfico x desvios de ortografia: um problema real

Os acentos gráficos são diacríticos utilizados na escrita oficial brasileira para, na maioria das vezes, indicar a sílaba tônica da palavra. Embora no Português toda palavra tenha uma sílaba tônica, ou seja, uma sílaba que deve ser a mais proeminente, nem todas as palavras apresentam em sua forma escrita um diacrítico de marcação de tonicidade. Temos, de um lado, o acentoônico (lexical, prosódico), que ocorre em todas as palavras, que é da ordem da fonologia; e de outro, o acento gráfico, presente em apenas algumas palavras, sendo da ordem da escrita.

A ausência de acento gráfico em palavras que deveriam apresentar esse diacrítico ou mesmo o seu uso equivocado são desvios de escrita comuns nos textos de alunos das séries iniciais e, não raro, em textos de pessoas já escolarizadas. A colocação adequada dos acentos gráficos pelos alunos tem sido um grande desafio para os professores alfabetizadores e para os usuários da escrita portuguesa de um modo geral.

Embora a falta de um acento gráfico de tonicidade possa parecer um desvio menor e menos impactante do que um outro desvio de ortografia, como escrever uma palavra que tenha a letra h sem h, em muitas situações, a falta do acento gráfico pode acarretar problema de comunicação, o que significa que o ensino das regras de acentuação gráfica é tão importante quanto o ensino de qualquer outro aspecto da ortografia da escrita do Português.

A grande questão que está em jogo quando se fala do ensino do acento gráfico é a quantidade de regras de acentuação gráfica a ser ensinada para os alunos. Levar o aluno a memorizar um rol de regras que, aparentemente, não têm qualquer relação entre elas, é de fato um desafio.

No entanto, muitos têm sido os trabalhos voltados para o ensino do acento gráfico que vêm tentando desmistificar essa arbitrariedade das regras de acentuação gráfica e vêm tentando propor atividades didáticas alternativas àquelas atividades de mera memorização dessas regras (RODRIGUES, 2019; OLIVEIRA, SILVA, PACHECO, 2020). De um modo geral, esses trabalhos trazem reflexões interessantes sobre a relação entre acento gráfico e acento lexical, evidenciando que as regras de acentuação gráfica não são arbitrarias, mas têm motivação na pauta acentual do Português.

Embora percebamos um avanço nos trabalhos que propõem o ensino da acentuação gráfica com base no acento lexical, verificamos que falta a esses trabalhos explicitar a relação existente entre as diversas regras de acentuação gráfica e a pauta acentual, bem como lhes falta a proposição de um ordenamento lógico das atuais regras de acentuação gráfica.

Quando se analisa mais detidamente as regras de acentuação gráfica do nosso sistema ortográfico, é possível observar regularidade e lógica subjacentes a essas regras, que podem ser explicadas pela relação entre estrutura silábica, tonicidade e acento gráfico. Essa relação tem a sua base na organização fonológica da língua, haja vista que a fonologia da língua, além da etimologia, constitui uma das motivações do sistema ortográfico.

Ancorados no fato de que o sistema ortográfico da língua portuguesa é constituído com base na fonologia do Português, e partindo do pressuposto da relação entre estrutura silábica, tonicidade e acento gráfico, neste artigo, temos por objetivo mostrar a importância da ortografia para a uniformização da escrita; a evolução histórica dos usos dos acentos gráficos e as atuais regras de uso desses diacríticos; os desvios de acentuação gráfica como consequência da forma como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe trabalhar o acento gráfico na escolas.

A partir da reflexão desses pontos, propomos um algoritmo de acentuação gráfica do Português, que tem grande potencial de promover, aos alunos em fase inicial de alfabetização, um ensino-aprendizagem eficaz do uso dos acentos gráficos. Além disso, esse algoritmo pode ser utilizado pelos usuários mais proficientes da escrita do Português como alternativa à memorização das regras de acentuação gráfica. Trata-se de um dispositivo lógico de acentuação gráfica que tem como princípio norteador a hipótese de que esse diacrítico é um meio de sinalizar na escrita aspectos não marcados da fonologia, especificamente, a tonicidade silábica e o status fonológico das vogais /i/, /u/.

Sistema ortográfico da Língua Portuguesa e o acento gráfico: em busca de simplicidade e coerência

Uma língua que possua escrita requer um sistema de normatização dos usos dos caracteres a serem utilizados por todos os escreventes, independentemente de sua filiação dialetal. Dessa forma, podemos afirmar que a escrita tem um propósito unificador. O sistema de escrita chinês é um caso exemplar do caráter unificador dessa modalidade da língua. A língua chinesa é conhecida pelos seus diferentes dialetos. De acordo com Trevisan (2009), na China, habitantes de diferentes regiões falam dialetos distintos, que são, muitas vezes, incompreensíveis entre todos os falantes. Apesar disso, a escrita é única nesse país, de sorte que chineses de pontos diversos conseguem se comunicar por esse meio. Para Rodrigues (2003), a escrita na China tem sido um símbolo de unidade cultural da nação.

A ortografia se insere exatamente nessa dinâmica de uniformização da escrita de uma língua, e pode ser entendida como um conjunto de normas que regulamenta os usos dos símbolos e caracteres. Para Kury (1992, p. 9), “é o correto emprego das LETRAS”. Segundo o gramático, “é a ortografia que permite a coexistência de uma língua escrita paralelamente à língua falada” (KURY, 1992, p.9). De acordo com Massini-Cagliari e Cagliari (2004), a variação dialetal na pronúncia de uma palavra é neutralizada com a ortografia.

Para Cagliari (2009), o uso da escrita ficaria seriamente comprometido se não fosse a ortografia e, segundo o linguista, sem ela, os sistemas de escritas desmoronariam. Um

sistema alfabético, para ele, sem a ortografia, “teria pouca chance de ser usado por muitas pessoas” (CAGLIARI, 2009, p. 91).

Um sistema ortográfico como o da língua Portuguesa, cuja escrita é a alfabética, organiza-se a partir de uma memória etimológica, ou seja, toma como um dos critérios para fixação da forma gráfica de certas palavras a sua origem (FARACO, 2003), bem como organiza-se a partir da fonologia da língua (MATEUS, 2006), o que significa representar na escrita o inventário vocálico e consonantal do português e os padrões silábicos licenciados no sistema linguístico.

Para além do registro de vogais e consoantes, o nosso sistema ortográfico ainda conta com uma série de diacríticos que são importantes para sinalizar na escrita informações suprasegmentais, tais como timbre vocálico, tonicidade silábica, nasalidade. Dentre esses diacríticos, temos os acentos agudo e circunflexo, cujo uso na escrita sofreu ajustes ao longo da história da ortografia.

Segundo Gonçalves (1992), é aos gramáticos do século XVI que devemos as primeiras indicações do uso dos acentos gráficos. Em João de Barros, encontramos, segundo a filóloga, o primeiro sistema de acentos de ortografia portuguesa, que era usado para representar o timbre aberto das vogais. Contudo, ao longo da história, a colocação dos acentos gráficos apresentou critérios que oscilaram em função da ideologia predominante, ora sendo motivada por questões etimológicas, ora por questões fonéticas (GONÇALVES, 1992).

Os acentos gráficos foram usados para a distinção das palavras homógrafas, como em Duarte Nunes de Leão. Assim, sua função era distintiva e visava desfazer casos de ambiguidades que nem mesmo o contexto era capaz de esclarecer. Ou ainda, era usado para marcar supressão de consoantes mudas, além do uso prosódico para indicar uma sílaba que deveria ser falada com mais força (GONÇALVES, 1992). Uma proposta de regularização do acento gráfico só ocorreu no período histórico científico e simplificado (MONTEIRO; MELO, 2009)³.

Apesar de uma grande flutuação do emprego dos acentos nos documentos históricos, usados até mesmo para marcar nasalidade vocálica, como mostra Negro (2017), houve uma forte tendência de esses diacríticos serem empregados com o objetivo de identificar a sílaba tônica, independente da natureza das vogais, nasais ou orais. As palavras recebiam o diacrítico de acordo com a compreensão que o escriba fazia do contexto auditivo ou de seu conhecimento da palavra (NEGRO, 2014, 2017).

A heterogeneidade no uso dessas marcas gráficas pode, de certa maneira, até ser vista nos diferentes acordos ortográficos, realizados entre Brasil e Portugal, que sempre propuseram alterações nas regras de acentuação gráfica. Esses acordos têm como objetivo unificar a ortografia da escrita da Língua Portuguesa nesses dois países, e consequentemente nos demais países utilitários dessa língua. Na verdade, mais que unificar,

³ O histórico-científico ou simplificado é um dos três dos períodos em que a história da ortografia portuguesa pode ser dividida. “O primeiro, denominado fonético, começa com o aparecimento dos primeiros textos escritos em língua portuguesa, no século XII, e vai até o século XVI; o segundo, chamado de pseudoetimológico, estende-se do século XVI até o início do século XX; o terceiro, conhecido como histórico-científico ou simplificado, inicia-se em 1911, com a reforma ortográfica” (MONTEIRO; MELO, 2009, p. 58).

esses acordos buscam simplificar a ortografia dessa língua, sem lhe amputar a lógica subjacente, de forma a manter uma certa coerência de uso.

E foi motivado pela simplificação das regras ortográficas, sem perder de vista a lógica do funcionamento da língua, buscando, portanto, coerência, que o último acordo ortográfico, ocorrido em 1990⁴, fez alterações significativas nas regras de acentuação gráfica. Nesse acordo, foram implementadas a eliminação da colocação do acento gráfico nos seguintes contextos: a) das vogais tônicas depois de ditongos decrescentes, como em feiura; b) acentuação dos ditongos abertos, de paroxítonas, a exemplo de ideia; c) de vogais dobradas, como ocorre em voo; d) do acento diferencial, pára (verbo) e para (preposição), por exemplo; e, por fim, d) a eliminação do trema, como em tranquilo.

Hoje, o sistema ortográfico do Português prevê o uso dos acentos gráficos, conforme disposto no quadro 1.

Quadro 1 – regras de colocação dos acentos agudo e circunflexo, de acordo com o sistema ortográfico do português, depois do acordo de 1990.

1. Acentuam-se as oxítonas terminadas em “A”, “E”, “O”, “ÊM”, “ÉM”, “ÉNS”, seguidas ou não de “S”, inclusive as formas verbais quando seguidas de “LO(s)” ou “LA(s)”. Também recebem acento as oxítonas terminadas em ditongos abertos, como “ÉI”, “ÉU”, “ÓI”, seguidos ou não de “S”
2. Acentuamos as palavras paroxítonas, quando terminadas em: L – afável, fácil, côsul, desejável, ágil, incrível. N – pólen, abdômen, sêmen. R – câncer, caráter, néctar, repórter. X – tórax, látex, ônix, fênix. PS – fórceps, Quéops, bíceps. Ã(S) – ímã, órfãs, ímãs, Bálcãs. ÃO(S) – órgão, bênção, sótão, órfão. I(S) – júri, táxi, lápis, grátis, oásis, miosótis. ON(S) – náilon, próton, elétrons, cânnon. UM(S) – álbum, fórum, médium, álbuns. US – ânus, bônus, vírus, Vênus
3. Também acentuamos as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes (semivogal+vogal): Névoa, infância, tênue, calvície, série, polícia, residência, férias, lírio.
4. Todas as proparoxítonas são acentuadas
5. Acentuamos as vogais “I” e “U” dos hiatos, quando: Formarem sílabas sozinhos ou com “S” Ex. Ju-í-zo, Lu-ís, ca-fe-í-na, ra-í-zes, sa-í-da, e-go-ís-ta não acentuamos “ba-i-nha”, “fei-u-ra”, “ru-im”, “ca-ir”, “Ra-ul”, se todos são “i” e “u” tônicas
6. Acento Diferencial O acento diferencial permanece nas palavras: pôde (passado), pode (presente) pôr (verbo), por (preposição)

Fonte: elaborado pelos autores, com base no
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (BRASIL, 2014).

Atualmente, o nosso sistema ortográfico prevê seis regras com 25 orientações

⁴ No Brasil, esse acordo entra em vigor em caráter definitivo e obrigatório a partir de 1 de janeiro de 2016. (IMPrensa Nacional, DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008.)

diferentes para a colocação do acento gráfico. E como os usuários da escrita de uma língua precisam seguir as normativas do sistema ortográfico para fins de padronização, essas regras devem ser trabalhadas na escola, que é o lugar onde deve ocorrer o ensino sistematizado da leitura e da escrita.

A questão posta é: de que forma essas regras devem ser ensinadas em sala de aula - como uma mera lista de regras a serem memorizadas? Por meio da experiência do aluno com o texto escrito, sem qualquer reflexão sobre as regras? Devemos também nos perguntar: como esse conteúdo é apresentado nos documentos oficiais de ensino e nos livros didáticos que são as referências para o professor? No tópico seguinte, apresentamos uma discussão sobre o ensino das regras ortográficas, voltando nosso olhar para a forma como os documentos oficiais distribuem os conteúdos relacionados ao ensino do acento gráfico que repercutem na elaboração do livro didático e qual a qualidade do texto escrito no que se refere ao uso das regras de acentuação gráfica.

Acentuação gráfica: desvios de usos e a BNCC

Textos de alunos dos anos iniciais da alfabetização constituem um verdadeiro campo de observação da relação entre oralidade e escrita. Esses erros evidenciam um esforço da criança em estabelecer uma relação entre letra e som, de registrar a sua própria produção oral, ou ainda refletem generalizações de certas regras ortográficas (CAGLIARI, 1993).

Ao construir seu conhecimento sobre o sistema de escrita, a criança parte de seu conhecimento adquirido a partir de experiência de letramento, bem como dos conhecimentos adquiridos a partir de sua experiência linguística, especificamente daqueles conhecimentos relacionados à fonologia, que são adquiridos de forma inconsciente (MIRANDA, MATZNAUER, 2010).

À medida que ela avança na aquisição da escrita, esses conhecimentos vão se tornando cada vez mais acessíveis de forma consciente (MIRANDA, MATZNAUER, 2010). Dessa forma, esses desvios ortográficos são muito recorrentes nas primeiras produções escritas, e espera-se que, à medida que o aluno vai tomando conhecimento das regras ortográficas, a quantidade desses desvios vai também diminuindo.

Dentre esses desvios de ortografia, encontramos, naturalmente, aqueles que envolvem a colocação dos acentos gráficos. Cristófaros-Silva, Almeida e Marra (2020), com base nos dados de Almeida (2011), mostram que, dos diferentes erros de ortografia que podem ser encontrados nos textos de alunos do 2º ao 7º ano, os erros decorrentes da omissão do acento gráfico são os mais recorrentes e são aqueles erros que tendem a aumentar em vez de diminuírem à medida que esses alunos avançam na escola.

A ausência de acento gráfico é o tipo de erro ortográfico mais recorrente nos textos de alunos das séries iniciais em diferentes partes do país como, por exemplo, na região nordeste (SILVA, 2018; RODRIGUES, 2019), na região sul (NEY, 2012) e na região sudeste (MARRA, 2012), o que evidencia que é um tipo de desvio ortográfico que não tem qualquer relação com as especificidades dialetais.

Os erros ortográficos relacionados à colocação do acento gráfico não ficam circunscritos aos textos de alunos do ensino fundamental. Esses erros também são encontrados em produções realizadas durante o processo de seleção de ingresso em mestrados profissionalizantes em Portugal (CASTELO; SOUSA, 2017). Trata-se, pois, nesse caso, de uma escrita de usuários da língua escrita que já passaram da fase de alfabetização e já possuem elevada escolarização. Para as autoras, a motivação para esses erros é uma combinação de fatores de ordem fonética e fonológica, e, obviamente, pelo desconhecimento do funcionamento do sistema ortográfico, especificamente no que se refere às regras de acentuação gráfica. Além disso, esses desvios podem ser, segundo elas, um recurso excessivo à forma visual das palavras.

Diante da constatação de que a omissão de acentos gráficos acontece não só nas séries iniciais, mas também em indivíduos com escolaridade mais avançada, e que não ocorre somente aqui, mas também em Portugal, só nos resta perguntar o porquê de haver, por parte dos escreventes de língua portuguesa, dificuldade no uso dos acentos gráficos, conforme as regras preconizadas na ortografia oficial.

Obviamente não temos uma resposta para essa questão, mas algumas hipóteses possíveis que explicam esse cenário podem ser aventadas. A primeira delas está relacionada à organização dos conteúdos de Linguagens - língua portuguesa na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento oficial do governo federal, de caráter normativo, que define o conjunto de conteúdos essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Dentre os componentes constituintes da BNCC, temos o componente Linguagens-Língua Portuguesa, que, por sua vez, subdivide-se em eixos: eixo leitura; eixo produção de textos; eixo oralidade e eixo análise linguística/semiótica. Desses eixos, os conteúdos específicos relacionados mesmo que de forma indireta à sílaba, tonicidade e acento gráfico encontram-se no eixo análise linguística/semiótica, especificamente nos itens a) fonarticulatória e b) elementos notacionais da escrita. Além desses dois itens, o eixo análise linguística/semiótica ainda conta com os seguintes itens: i) morfossintaxe; ii) sintaxe; iii) semântica; e, iv) variação linguística.

A fono-ortografia e os elementos notacionais são especificados na BNCC como apresentado nos quadros 2 e 3.

Quadro 2 – especificação do item ‘fono-ortografia’, conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC

Fono-ortografia	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer e analisar as relações regulares e irregulares entre fonemas e grafemas na escrita do português do Brasil.• Conhecer e analisar as possibilidades de estruturação da sílaba na escrita do Português do Brasil
-----------------	---

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 82)

Quadro 3 – especificação do item ‘elementos notacionais da escrita’, conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC

Elementos notacionais da escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as diferentes funções e perceber os efeitos de sentidos provados nos textos pelo uso de sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos) e de pontuação e sinalização dos diálogos (dois-pontos, travessão, verbos de dizer). • Conhecer a acentuação gráfica e perceber suas relações com a prosódia. • Utilizar os conhecimentos sobre as regularidades e irregularidades ortográficas do Português do Brasil na escrita de textos
----------------------------------	---

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 85).

De acordo com a proposta da BNCC, como podemos verificar nos quadros 2 e 3, a estrutura silábica é vista em ‘fono-ortografia’ e a acentuação gráfica é vista em ‘elementos notacionais da escrita’. Como podemos perceber por essa disposição de conteúdo, a BNCC entende estrutura silábica e acentuação gráfica como conteúdos sem relação entre si. Além disso, não é possível saber qual é a relação de acentuação gráfica com a prosódia, conforme previsto no documento.

A dissociação entre estrutura silábica, tonicidade e acentuação gráfica torna-se ainda mais evidente quando se avalia a distribuição e a sequência de assuntos relacionados a essas temáticas ao longo do 1º ao 5º ano da educação básica, como apresentado no quadro 4.

Quadro 4 – distribuição dos assuntos relacionados à estrutura silábica, tonicidade e acentuação gráfica entre o 1º e 5º anos da educação básica

ANO	CONTEÚDO TRABALHADO
1º	Segmentar oralmente palavras em sílabas.
	Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita.
	Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais.
	Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas mediais e finais.
2º	Segmentar palavras em sílabas e remover e substituir sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras.
	Ler e escrever corretamente palavras com sílabas CV, V, CVC, CCV, identificando que existem vogais em todas as sílabas.
3º	Usar acento gráfico (agudo ou circunflexo) em monossílabos tônicos terminados em a, e, o e em palavras oxítonas terminadas em a, e, o, seguidas ou não de s.
	Identificar o número de sílabas de palavras, classificando-as em monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas.
	Identificar a sílaba tônica em palavras, classificando-as em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

4º	Ler e escrever, corretamente, palavras com sílabas VV e CVV em casos nos quais a combinação VV (ditongo) é reduzida na língua oral (ai, ei, ou).
	Usar acento gráfico (agudo ou circunflexo) em paroxítonas terminadas em -i(s), -l, -r, -ão(s).
5º	Acentuar corretamente palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Fonte: elaboração dos autores, com base na BNCC (BRASIL, 2018).

Com base nas informações apresentadas no quadro 4, podemos afirmar que o 1º e o 2º ano da educação básica, no que tange aos conteúdos de ortografização, classificação dada pela própria BNCC, são destinados a desenvolver na criança a consciência ortográfica da sílaba, a partir da sua consciência fonológica. Além disso, visam a despertar na criança uma possível relação entre som e letra. Esse expediente é de fato muito interessante, pois, a partir do momento em que o aprendiz desenvolve a consciência ortográfica de sílaba, a partir da sua própria consciência fonológica dessa unidade linguística, ele terá a base para compreender todos os fenômenos prosódicos, pois a sílaba é a base da organização prosódica da língua (NESPOR, VOGEL, 1986), inclusive na atribuição de acento (HAYES, 1980).

Todavia, a proposta de se trabalhar com a acentuação gráfica se dá somente no 3º ano, a partir do uso do acento agudo e circunflexo em monossílabo tônico. Há, nessa proposta, um problema de lógica: a tonicidade silábica é estabelecida pela relação de proeminência estabelecida entre as diferentes sílabas que compõem uma palavra. Será tônica a sílaba mais proeminente. Qual será o parâmetro para aluno estabelecer a tonicidade de um monossílabo? Ainda no 3º ano, o aluno terá contato com as regras de acentuação das oxítonas, sem ainda ter aprendido a classificação das palavras quanto à tonicidade, conteúdo que só será visto no ano seguinte, no 4º ano.

O próximo passo é aprender a classificar as palavras em relação ao número de sílabas e aprender a distinção entre oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Naturalmente, a classificação dessas palavras deverá ser trabalhada somente com a pronúncia, sem qualquer fundamentação teórica, ou sem qualquer articulação com a estrutura silábica. O aluno deverá identificar a palavra quanto à sua tonicidade provavelmente baseado em sua própria produção, que pode variar bastante e, assim, uma palavra pode ser paroxítona em uma de suas produções e oxítona em outra. Basta produzirmos, jovem, como paroxítona, ou jovem, como oxítona.

No 4º ano, o aluno será apresentado ao processo de monotongação, sem antes ter sido apresentado à dupla função que as vogais i, u exercem na língua: a de vogal e de semivogal, noções importantes para se entender o uso do acento gráfico em 'saúde', e a ausência desse diacrítico em 'saúde'. Ainda no 4º ano, o aluno será apresentado às regras de acentuação gráfica das paroxítonas, dois anos depois de ter aprendido os diferentes tipos de estruturas silábicas, conteúdo previsto para ser estudado no segundo ano.

E finalmente, no 5º ano, ele deverá acentuar corretamente as oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, sem qualquer retomada das estruturas silábicas. A correta acentuação deverá contar obrigatoriamente com a memorização das regras de acentuação gráfica

apresentada de forma desconectada ao longo de 5 anos.

É nítido, portanto, que o ensino do acento gráfico na educação básica é fragmentado, desarticulado e sem qualquer relação mínima e muito menos lógica entre estrutura silábica, tonicidade e acentuação gráfica. Essa proposta de sequência de ensino é a mesma que aparece nos livros didáticos, pois esse material pedagógico deve seguir, por lei, o que preconiza a base nacional comum curricular. É esse quadro de falta de ensino lógico da acentuação gráfica que Silva (2018) encontra nos livros didáticos do 1º, 2º e 3º anos de uma coleção adotada em uma escola pública. De acordo com a autora, não há nesses livros das séries iniciais nenhuma menção à sílaba tônica, que será apresentada somente no livro do 4º ano.

Embora a BNCC não preveja conteúdo de estrutura silábica e acentuação gráfica entre o 6º e 9º ano, Costa (2020), por sua vez, encontrou esses conteúdos em livros didáticos do 6º e 7º anos, especificamente sílaba tônica e sílaba átona, oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, divisão silábica, acentuação: ditongo e hiato, e acento diferencial. Adicionalmente, a autora avalia o manual do professor e verifica que não há orientação teórica acerca da ortografia para instrumentalizar o professor no ensino desses conteúdos, o que, para nós, significa que, se o professor não tiver uma boa formação na área de fonética e fonologia para trabalhar questões de ortografia, ele não terá muito o que oferecer ao aluno, senão um monte de regras aparentemente arbitrárias para serem decoradas.

A falta de lógica na ordem sequencial dos conteúdos relacionados à estrutura silábica, à tonicidade e ao acento gráfico, associada a uma fragmentação e à falta de articulação desses conteúdos na BNCC, o que reflete na elaboração dos livros didáticos, propicia um cenário ótimo para o ensino de várias regras desarticuladas de acentuação gráfica nas escolas. Associado a esse fato, os professores não possuem orientação teórica nos manuais do professor que o auxiliem no trabalho desses conteúdos em sala de aula, completando, assim, a tempestade perfeita para um ensino de acentuação gráfica totalmente desarticulado, trabalhando-se a regra pela regra.

A memorização de uma sequência de regras pela simples memorização, como tem sido trabalhada a acentuação gráfica no ensino fundamental, pode estar na base desse problema generalizado de omissão da colocação dos acentos gráficos ou a sua colocação equivocada. Os usuários do Português escrito sem uma informação coerente sobre quando se deve ou não usar os acentos gráficos ficam à mercê de sua lembrança de qual regra usar nesse ou naquele contexto. Faltando-lhe a memória, esses sujeitos tentam, por conta e risco, encontrar algum critério para a colocação desses diacríticos. Na busca desse critério, é intuitivo vir à baila um certo conhecimento linguístico latente de tonicidade silábica. De acordo com Ney e Miranda (2019), critérios acústicos como frequência fundamental dos formantes, ressonância nasal, duração, e intensidade são critérios elencados por alunos do ensino fundamental de escola pública durante entrevista clínica realizada para avaliar a motivação de seus usos e não usos do acento gráfico. A memória visual da palavra foi outro critério elencado pelos entrevistados como motivação para o emprego ou não dos diacríticos de tonicidade silábica.

Diante de um cenário em que, na escrita oficial, as regras do sistema ortográfico devem ser seguidas obrigatoriamente, mas que o ensino das regras de acentuação gráfica não tem se mostrado eficaz na formação do escrevente, procedimentos alternativos pautados em lógica e coerência de ensino e uso de acentuação gráfica devem ser pensados, visando ao uso eficiente do sistema de acentuação gráfica da língua portuguesa.

Qual é de fato a relação entre pauta acentual da língua portuguesa e as regras de acentuação gráfica? É possível propor um dispositivo que otimize o ensino-aprendizagem e uso dos acentos gráficos? A próxima seção deste artigo dedica-se a apresentar uma alternativa possível por meio de uma proposta de um algoritmo de acentuação gráfica da escrita do Português e de um protocolo de parcimônia de atribuição ou não de acento gráfico, que pode ser usado por professores alfabetizadores ao trabalharem com o ensino do acento gráfico, ou mesmo utilizado pelos usuários mais experientes da escrita portuguesa.

Por um algoritmo de acentuação gráfica

Muitos trabalhos vêm mostrando a falta de proficiência no uso dos acentos gráficos dos escreventes da língua portuguesa (MARRA, 2012, AMORIM; BARBOSA JR. 2013; SILVA; OLIVEIRA; PACHECO, 2017; OLIVEIRA, SILVA, PACHECO, 2020, COUTO; GUIMARÃES, 2020, entre outros). Manter um ensino de acentuação gráfica pautado na regra pela regra não é uma estratégia produtiva e, por isso, formas alternativas de se ensinar a acentuação gráfica têm sido propostas, quer seja por meio de jogos (CEZAR, 2009), ou por meio de uma racionalização das regras, como propõe Menon (1982), que discute as regras de acentuação gráfica partindo do princípio da oposição utilizado na Fonologia, especificamente no modelo estruturalista, para se inventariar os fonemas da língua a partir da análise dos pares mínimos. Dessa forma, a autora elabora um quadro contrastivo considerando as terminações das oxítonas e paroxítonas e a presença (+) ou não (-) do acento gráfico, como apresentado no quadro 5.

Quadro 5 – Sistema de acentuação gráfica (+) ou não (-) de palavras oxítonas e paroxítonas com base em oposições, proposto por Menon (1982)

Palavras terminadas em	A E(S) O	EM ENS	I U(S)	EN UM UNS	ON ONS	L PS	R X	DIT	Nasal Tildada
Oxítone	+	+	-	-	-	-	-	-	-
Paroxítone	-	-	+	+	+	+	+	+	+

Fonte: Menon (1982, p. 133).

A sistematização proposta por Menon (1982), de fato, não evidencia a lógica e a regularidade que possam estar subjacentes nas regras de acentuação gráfica do sistema ortográfico do português. Por sua vez, verificamos efetivamente uma disposição mais amigável dessas regras, que é muito diferente do “emaranhado expositivo”, como afirma a própria autora, por meio do qual a acentuação gráfica frequentemente é apresentada nas gramáticas ou nos livros didáticos.

Se por um lado, Menon (1982) está buscando uma forma de racionalizar, ou melhor sistematizar as regras de acentuação gráfica, por outro, Ceschin (1988) sugere mudar a metodologia de ensino da acentuação gráfica, substituindo as regras ou conclusões de raciocínios pelas premissas que as determinam, o que significa, segundo ele, baseado em Gladstone Chaves de Mello, observar as tendências da língua e marcar com sinal gráfico as situações que representarem exceção ou desvio.

Na mesma linha de raciocínio de Ceschin (1988) está a proposta de Silva (2007), para quem a função do acento gráfico é indicar a tonicidade irregular, ou seja, aquela acentuação que não é natural. De acordo com o autor, “o acento gráfico anula o acento natural e acentua outra vogal tornando forte o que seria naturalmente fraca” (SILVA, 2007, pág. 13). Tanto para Ceschin (1988) quanto para Silva (2007), o uso do acento gráfico é para marcar, na escrita, excepcionalidades na tonicidade lexical, entendida pelo primeiro como exceção ou desvio, e pelo segundo, como irregularidade. Em ambas as propostas fica evidente que o conjunto de regras de acentuação gráfica não é arbitrário, mas produto de uma certa lógica.

Partindo das premissas de que o sistema ortográfico da língua portuguesa tem motivação fonológica (MATEUS, 2006) e de que o acento gráfico é usado para marcar excepcionalidades (CESCHIN, 1988; SILVA, 2007), qual é a motivação da utilização do acento gráfico na escrita portuguesa? Para Collischonn (2001), usamos o acento gráfico nos casos de tonicidade silábica marcada, ou seja, que não segue a tendência da língua, e não acentuamos graficamente quando a tonicidade da palavra é não marcada, que segue a tendência da língua. Como mostra a autora, a tonicidade do português está associada à estrutura silábica, de sorte que a sílaba formada por ditongo ou por uma consoante, como (C)VC, tende a ser a sílaba tônica.

A relação entre acentuação gráfica e estrutura silábica tem sido tratada em vários trabalhos que apresentam propostas de intervenção didática direcionadas para o ensino das regras de acentuação gráfica (BARRETO, 2019; OLIVEIRA, SILVA, PACHECO, 2020; CRISTÓFARO-SILVA, ALMEIDA, MARRA, 2020; COUTO; GUIMARÃES, 2020; OLIVEIRA 2021). De um modo geral, esses trabalhos mostram a importância de se abordar em sala de aula a estrutura silábica do PB, bem como sinalizam a relação que existe entre a estrutura silábica e a acentuação gráfica. São trabalhos que deixam evidente para o professor que a acentuação gráfica não é arbitrária e está longe de ser um amontoado de regras que devem ser decoradas simplesmente.

Indiscutivelmente, a proposta desses trabalhos constitui um avanço no ensino de acentuação gráfica. Todavia, falta-lhes uma proposição que articule, de forma direta, as regras de acentuação gráfica e a estrutura silábica. É necessário pensar um algoritmo de acentuação gráfica, ou seja, uma sequência de ações executáveis que visem à aplicação correta da acentuação gráfica, que promova o ensino e o uso do acento gráfico de forma mais intuitiva e automática. Assim, um algoritmo elaborado para a aplicação da acentuação gráfica deve necessariamente considerar a relação entre marcação gráfica, estrutura silábica e tonicidade, sendo desnecessário entrar na questão da constituição da grade métrica do Português, tema que possui trabalhos com discussões muito relevantes (BISOL, 1994, LEE,

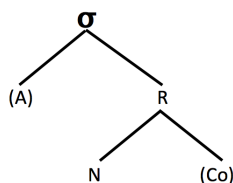
1994, MASSINI-CAGLIARI, 1995).

Para elaborar nosso algoritmo, vamos nos basear em dois princípios básicos: i) o acento gráfico é usado para marcar a sílaba tônica; ii) o acento gráfico é usado para indicar excepcionalidade, ou, um aspecto marcado. Tendo por base essas duas diretrizes, passemos a avaliar a pauta de atribuição do acento tônico e de que forma o acento gráfico se relaciona com essa pauta acentual para, a partir daí, propormos um algoritmo de acentuação gráfica e um protocolo de parcimônia.

Sílaba pesada, tonicidade e acento gráfico

A sílaba é uma unidade fonológica importante para a organização prosódica de uma língua, a começar pela atribuição de acento, aspecto prosódico que incide obrigatoriamente sobre a sílaba e nunca sobre o segmento isoladamente. Uma das formas de se pensar a sílaba é como uma unidade formada por constituintes organizados hierarquicamente em camadas. Esse modelo é proposto por Selkirk (1982), conforme a figura 1.

Figura 1 – Constituição hierárquica de uma sílaba, conforme proposta de Selkirk (1982)



Fonte: Collischonn (2001, p. 92).

Conforme a figura 1, a sílaba (σ) é formada por Ataque (A), ou onset, Rima (R), Núcleo (N) e coda (Co). O ataque e a coda são opcionais e o núcleo obrigatório. A constituição da rima é um fator importante para a atribuição do acento. Segundo Hayes (1980), muitas regras de acentuação, como as do Inglês, fazem diferença entre sílaba leve, formada como $C_0\check{V}$, ou seja, com ataque preenchido (C_0) ou não, e vogal breve (\check{V}); e sílaba pesada, que pode ser tanto $C_0\bar{V}$, com ataque preenchido ou não, com a vogal longa (\bar{V}), ou C_0VC , com ataque preenchido ou não, com uma consoante (C) ocupando a posição de coda. De acordo com o autor, as regras de acentuação são totalmente sensíveis ao número de segmentos na rima e nunca ao número de segmentos do ataque, que pode ser preenchido ou não.

De um modo geral, nas línguas naturais, as sílabas pesadas, caracterizadas pela rima ramificada, tendem a atrair o acento. E, no português, o peso silábico tem contribuição relevante na atribuição do acento, como podemos atestar nos dados dispostos em (1):

(1) /kapaS/ e /kaSpa/; /pavoR/ e /paRvo/; /aval/ e /alva/; /komuN/ e /muNdu/;
/papai/ e /baila/.

Os dados dispostos em (1) evidenciam que, quando a sílaba é formada por C₀VC, ela é uma forte candidata a receber o acento tônico. Temos ‘capaz’, uma oxítônica, mas ‘caspá’, uma paroxítônica; ‘pavor’, uma oxítônica, mas ‘parvo’, uma paroxítônica; ‘aval’, uma oxítônica, mas ‘alva’, uma paroxítônica; ‘comum’ é uma oxítônica, e ‘mundo’ é uma paroxítônica. Nas palavras ‘papai’, uma oxítônica, e ‘baila’ uma paroxítônica, verificamos que o ditongo contribui para o peso silábico, ou seja, sílabas formadas por ditongo são sílabas com a rima ramificada (BISOL, 1989) e, por isso, sílabas pesadas.

Em todas essas palavras em que a tonicidade caiu na sílaba pesada (C₀VC ou C₀VV), não foi necessário o uso do acento gráfico para marcar graficamente a sílaba tônica, justamente porque elas atraem o acento tônico. A tonicidade dessas palavras é não marcada, ou seja, é a tonicidade natural, esperada. O leitor não precisa de pista visual para saber qual a sílaba que deverá ser lida com mais proeminência. E quando nós temos duas sílabas pesadas? Qual delas deverá ser a tônica? Para entendermos essa marcação tônica, observemos os dados em (2):

(2) /paStoR/; /kaStoR/; /boNboN/; /kiNtal/

As palavras dispostas em (2) são palavras que têm as duas sílabas pesadas e são todas oxítônicas. Aqui está mais outra tendência natural de tonicidade no português: quando as duas últimas sílabas são pesadas, a última tenderá a receber o acento tônico⁵. Assim, não está prevista nenhuma regra de acentuação gráfica para palavras com composição silábica como ‘pastor’, ‘castor’, ‘bombom’, ‘quintal’.

Mas se nem a última nem a penúltima sílaba for pesada? Devemos marcar graficamente a sílaba tônica? A resposta é não. Consideremos as palavras apresentadas em (3):

(3) /kama/; /lama/; /ʒanela/; /tizela/; /bolu/; /KaRpeti/; /soRveti/

As palavras ‘cama’, ‘lama’, ‘janela’, ‘tigela’, ‘bolo’, ‘carpete’ e ‘sorvete’ são todas palavras que têm as duas últimas sílabas leves, ou seja, sem a rima ramificada. Nesses casos, é a penúltima sílaba que receberá o acento tônico. Assim, se as duas últimas sílabas forem leves, a palavra será paroxítônica e não precisa ter marcada graficamente a sílaba tônica. Essa é, pois, mais uma atribuição de acento não marcada, natural e prevista.

Considerando a análise desenvolvida até aqui, podemos afirmar que a atribuição geral de tonicidade do português considera a estrutura silábica da última e da penúltima sílaba. A estrutura silábica da antepenúltima sílaba, leve ou pesada, não tem implicações para a atribuição do acento tônico. Em (3), ‘carpete’ e ‘sorvete’ são palavras que possuem a antepenúltima sílaba pesada, e nem por isso ela atraiu o acento. A ocorrência das palavras

⁵ Cabe ressaltar que o morfema de plural –s que ocupa a posição de coda é considerado invisível às regras acentuais (BISOL, 1994). Assim, na forma plural de ‘pastas’ não cabe a marcação gráfica na primeira sílaba pesada.

com a antepenúltima sílaba tônica como em /abɔbora/, /ʃikara/ e /laNpada/ são consideradas tonicidades marcadas, fora da pauta acentual do Português e, justamente por isso, são sempre marcadas graficamente, quer a antepenúltima sílaba seja leve, como em ‘abóbora’, quer pesada, como em ‘lâmpada’. Portanto, podemos, com base na estrutura silábica da última e da penúltima sílaba, afirmar que a pauta acentual do português segue as regras descritas no quadro 6.

Quadro 6 – Pauta acentual geral do Português.

1) se a penúltima e a última sílaba forem pesadas, a última sílaba atrairá o acento; ⁶
2) se a penúltima ou a última sílaba for pesada, a sílaba que for pesada atrairá o acento;
3) se a penúltima nem a última sílaba forem pesadas, a penúltima sílaba atrairá o acento.

Fonte: elaboração dos autores.

O algoritmo de acentuação gráfico e o protocolo de parcimônia

Como vimos, as palavras que não recebem acento gráfico são palavras que possuem a sílaba tônica conforme previsto na pauta acentual do português (quadro 6). Esses casos de não marcação gráfica não trazem muitas dificuldades para as crianças nas séries iniciais da alfabetização (KALINOVSKI, 2017), justamente por serem palavras com tonicidade não marcada. Contudo, quando a palavra não atende essa pauta acentual, deve-se marcar graficamente, como descrito no quadro 7.

Quadro 7 – pauta acentual geral do Português e respectiva marcação gráfica, quando há violação dessa pauta

PAUTA ACENTUAL	MARCAÇÃO GRÁFICA
1) se a penúltima e a última sílaba forem pesadas, a última sílaba atrairá o acento.	Deve-se marcar graficamente quando a penúltima sílaba pesada for a tônica e não a última sílaba pesada: ‘máster’; ‘gérmen’; ‘órgão’; ‘mórmon’, ‘álbum’, ‘órfão’, ‘órfã’, ‘bênção’, ‘câncer’, ‘repórter’, ‘infância’; ‘residência’. ⁷
2) se a penúltima ou a última sílaba for pesada, a sílaba que for pesada atrairá o acento.	Deve-se marcar graficamente quando a sílaba leve for a tônica e não a sílaba pesada: ‘tênuê’, ‘pátria’, ‘vênus’, ‘afável’, ‘sêmen’; ‘caráter’, ‘imã’, ‘sótão’, ‘fórum’, ‘vírus’; ‘gambá’; ‘chimpanzé’; ‘complô’.
3) se a penúltima nem a última sílaba forem pesadas, a penúltima sílaba atrairá o acento.	Deve-se marcar graficamente quando a última sílaba leve for a tônica e não a penúltima sílaba leve: ‘xodó’, ‘robô’, ‘chaminé’, ‘ipê’, ‘comitê’, ‘maracujá’, ‘sofá’, ‘crachá’, exceto na presença das letras i, u (S).
	Deve-se marcar graficamente sempre que a antepenúltima sílaba for a tônica, independentemente de ser uma sílaba pesada ou leve. Ex.: ‘árvore’, ‘lâmpada’; ‘número’, ‘pêssego’.

Fonte: elaboração dos autores.

⁶ Como descrito na nota 3, o morfema de plural é invisível às regras acentuais.

⁷ Como dito em nota anterior, o morfema de plural –s é invisível às regras acentuais.

Os exemplos apresentados no quadro 7 evidenciam que, em todos os casos, o uso do acento gráfico tem uma motivação única: registrar, sinalizar as tonicidades marcadas, ou seja, excepcionais, considerando-se a estrutura silábica. Fica evidente que as regras de acentuação gráfica não são diferentes para as oxítonas e paroxítonas. Assim, palavras como 'vênus' e 'gambá' são acentuadas porque trazem, excepcionalmente, a tonicidade em uma sílaba leve, e não por se tratar de uma paroxítona terminada em '-us' e por uma oxítônica terminada em '-a', respectivamente, como propõem as regras de acentuação gráfica.

Por outro lado, 'máster' e 'cadáver', embora ambas sejam paroxítonas terminadas em -r, possuem marcação gráfica de tonicidade motivadas por regras diferentes que não pelo fato de serem paroxítonas terminadas em -r. A palavra 'máster' precisa ser marcada graficamente para indicar que, apesar de a última sílaba ser a pesada, e, por isso, tenderia a ser a sílaba tônica, nesse caso é a penúltima sílaba pesada que excepcionalmente é a tônica. Já em 'cadáver', o acento gráfico está sendo usado para indicar que, embora a última sílaba seja pesada e, portanto, a candidata a ser a sílaba tônica, é a penúltima sílaba, que é leve, que é a tônica, logo, fugindo do padrão esperado.

Ao avaliar as palavras 'complô' e 'robô', que, segundo as regras de ortografia, devem ser acentuadas graficamente por serem oxítonas terminadas em -o, não temos, de fato, a marcação gráfica dessas palavras sendo regidas pelo mesmo princípio. A marcação gráfica de 'complô' é regida pelo mesmo princípio da marcação da palavra cadáver, qual seja, marca-se graficamente uma sílaba leve como tônica próxima a uma sílaba pesada átona. Mas não podemos atribuir esse mesmo princípio a 'robô', que, como 'complô', é também uma oxítônica terminada em -o. Em 'robô', o uso do acento gráfico indica que a última sílaba leve é a tônica, e não, como se aguardaria, a penúltima sílaba leve, que está ocorrendo como átona.

O padrão geral de atribuição de acento tônico no português privilegia a última e a penúltima sílaba para serem as tônicas, e dentre as duas, aquela que tiver sílaba pesada é a que será tônica. Em as duas sendo pesadas, é a última sílaba que atrai o acento, pois, de acordo com Bisol (1994)⁸, o português tem uma sensibilidade para o peso da sílaba final. Por sua vez, em as duas sílabas sendo leves, é a penúltima que será a tônica. Dito isso, podemos verificar que as palavras proparoxítonas estão longe de seguir essa tendência, pois a tonicidade dessa palavra recai na antepenúltima sílaba, independentemente de seu peso silábico. Assim, as palavras proparoxítonas podem ter a sua sílaba tônica tanto leve, quanto pesada. Podemos afirmar, portanto, que a marcação gráfica das proparoxítonas também não tem motivação outra senão a indicação de excepcionalidade do princípio geral de atribuição do acento tônico.

Não se deve, pois, tratar a acentuação gráfica de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas como processos diferentes e sem relação entre si. É preciso pensar a acentuação gráfica do português considerando a lógica subjacente na orientação desses

⁸ Há autores que defendem que o acento primário do Português é insensível ao peso silábico. Para maior aprofundamento sobre o tema, consultar Lee (1997).

usos. Dentro dessa perspectiva, propomos, como apresentado no quadro 8, um algoritmo de acentuação gráfica para a escrita do Português, que se estrutura a partir do princípio básico de que o acento primário no português é sensível ao peso silábico da última sílaba (BISOL, 1994).

Quadro 8 – algoritmo de acentuação gráfica do Português

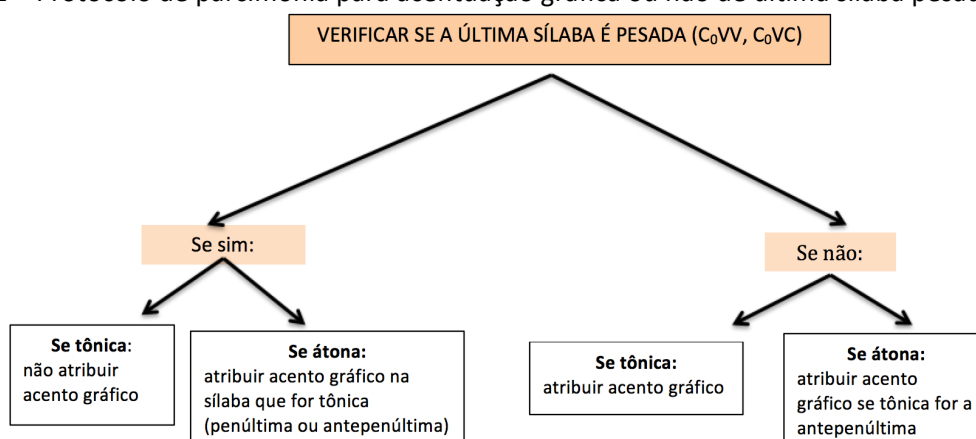
1) Se US C ₀ VV ou C ₀ VC T	→	não atribuir acento gráfico
2) Se US C ₀ VV ou C ₀ VC A	→	atribuir acento gráfico na sílaba tônica (penúltima ou antepenúltima);
3) Se US C ₀ V T	→	atribuir acento gráfico
4) Se US C ₀ V A	→	atribuir acento gráfico só nos casos em que a antepenúltima sílaba for tônica

Onde:
US = última sílaba
C ₀ VV ou C ₀ VC = indicam sílabas pesadas
T= tônica
→ = então
A= átona
C ₀ V = indica sílaba leve

Fonte: elaboração dos autores

O algoritmo proposto no quadro 8 evidencia que a acentuação gráfica das oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas é regida pelas mesmas regras. O uso ou não do diacrítico de tonicidade pode ser definido a partir de um protocolo de parcimônia, derivado do algoritmo de acentuação gráfica proposto no quadro 8, que promoverá o emprego correto da acentuação gráfica sem necessidade de se decorarem regras. Um protocolo possível é apresentado na figura 2:

Figura 2 – Protocolo de parcimônia para acentuação gráfica ou não de última sílaba pesada ou não



Fonte: Elaboração dos autores.

O algoritmo proposto em 7 aplica-se às regras de acentuação gráfica motivadas pela excepcionalidade de tonicidade vinculada à estrutura silábica. Contudo, há alguns usos ou não usos do acento gráfico previstos no sistema ortográfico que não têm essa motivação.

Passemos a examinar as formas ortográficas dispostas em (4), (5) e (6):

- (4) 'abacaxi', 'ali', 'caqui', 'angu', 'bambu', 'chuchu'
- (5) 'troféu', 'chapéu', 'anzóis', 'faróis', 'alguém', 'parabéns', 'vintém'
- (6) 'atrás', 'ananás', 'após'

As palavras apresentadas em (4), (5) e (6) são todas oxítonas: em (4) são oxítonas com sílabas leves (C_0V) e, aplicando o comando 3 do algoritmo de acentuação gráfica, deveriam receber acento gráfico. Contudo, essas palavras têm em sua última sílaba as letras -i e -u, que representam as vogais /i/ e /u/ tônicas quando ocorrem na última sílaba, pois, quando ocorrem na última sílaba átona, as vogais /i/, /u/ são representadas pelas letras -e, -o, respectivamente. Observemos, então, que o uso do acento gráfico, nesses casos, seria redundante, já que as letras -i,-u só ocorrem na última sílaba quando elas são tônicas. O leitor já tem uma pista visual sobre a tonicidade da sílaba. Oxítonas terminadas em -i,-u devem entrar como exceções no nosso algoritmo. A não marcação gráfica das oxítonas terminadas em -i, -u é tão intuitiva que, conforme mostram Ney e Miranda (2019), em seus dados, somente as palavras 'abacaxi' e 'tatu' foram corretamente escritas por todas as crianças participantes de sua pesquisa.

Os exemplos em (5) são casos curiosos de marcação gráfica. Aplicando o nosso protocolo de parcimônia, verificamos que a última sílaba é pesada C_0VV ou C_0VC e é tônica. Assim, em sendo pesada e tônica não deve receber o acento gráfico, conforme linha de comando 1 do nosso algoritmo. O uso do acento gráfico, nesses casos, não é para indicar a tonicidade da sílaba, mas sim para indicar o timbre aberto da vogal média e, por essa razão, deve ser registrado como exceção no nosso algoritmo. A marcação do timbre vocálico como orientação para o uso do acento gráfico é uma atribuição antiga dos acentos gráficos (GONÇALVES, 1992), assim como está na orientação da colocação dos acentos gráficos nos textos de alunos de séries iniciais, ao escrever 'éra', 'éla', 'acórda' (NEY, 2009).

Aplicando-se o protocolo de parcimônia nas palavras em (6), temos: a última sílaba é pesada (C_0VC) e é tônica; portanto, não deve receber acento gráfico, conforme linha de comando 1 do algoritmo. Contudo, palavras terminadas em -a, e,- o, seguidas de -s são graficamente acentuadas. Essa indicação de acento gráfico é uma consequência da marcação gráfica das oxítonas de sílaba leve que terminam com essas vogais, por serem sílabas leves e tônicas (linha de comando 3).

Para garantir que seus plurais também sejam marcados graficamente, como 'picolé', 'picolés', a regra do sistema ortográfico prevê que essas vogais nas oxítonas seguidas ou não de -s devem ser marcadas graficamente. Contudo, a regra acaba se estendendo para as oxítonas que têm essas vogais seguidas de -s que não é marca de plural (o morfema -s de plural é insensível às regras acentuais, como, em camas) como 'ananás', 'freguês', 'após', o que leva essas palavras a serem acentuadas mesmo sendo oxítonas com sílaba pesada, constituindo uma exceção que deve ser contemplada no nosso algoritmo.

Outra exceção a ser registrada em nosso algoritmo é a não marcação gráfica de

paroxítonas terminas em –em, como disposto em (7):

(7) ‘jovem’, ‘nuvem’, ‘garagem’, ‘homem’

Pelo nosso algoritmo acentual, essas palavras deveriam ser graficamente acentuadas, pois a última sílaba é pesada e não é a tônica, como previsto na linha de comando 2 do nosso algoritmo. Contudo, o sistema ortográfico, excepcionalmente, não orienta o acento gráfico nesses casos. Uma hipótese possível para essa recomendação pode estar no fato de, na fala, essas palavras tenderem a ser realizadas com sílaba leve como [ˈʒovɪ], [ˈnuvɪ], entre outras. A palavra ‘garagem’, por exemplo, é oficialmente registrada como ‘garage’. No entanto, também observamos essa tendência em paroxítonas terminadas em –en, a exemplo de ‘abdómen’, que tem prevista oficialmente a forma ‘abdome’, como também ‘germe’ é previsto para ‘gérmen’.

Uma possível eliminação de coda levando a sílaba pesada –em a se tornar leve é igualmente observada na sílaba pesada –en e não pode, portanto, ser o critério utilizado para determinar a ausência de acento gráfico em paroxítonas terminadas em –em e a presença do diacrítico nas paroxítonas terminadas em –en. Diante dos arrazoados aqui apresentados, podemos afirmar que a motivação do uso do diacrítico em paroxítonas terminas em –en é caracterizar a excepcionalidade da excepcionalidade: uma sílaba leve ser tônica próxima de uma sílaba pesada final que é grafada -n, o que é menos usual no português do que com –m. De forma bem direta, podemos dizer que o não uso e o uso do acento gráfico, nesses casos, é para distinguir a sílaba pesada grafada com –m (ocorrência não marcada) da grafada com –n (ocorrência marcada). Trata-se de mais um caso que foge ao padrão geral de marcação gráfica e deve ser registrado no algoritmo como exceção.

E, finalmente, precisamos lançar nosso olhar para os casos em que não se acentuam e se acentuam as vogais –i, –u em contextos de VV, como os dados apresentados em (8) e (9):

(8) ‘cafeína’, ‘cuíca’, ‘peito’, ‘muito’, ‘saúde’, ‘saudade’

(9) ‘rainha’, ‘campainha’, ‘moinho’

Em (8), temos palavras nas quais as vogais –i, –u ocorrem acompanhadas de outras vogais, formando uma estrutura VV e que ora recebe o acento gráfico, ora não recebe. O princípio subjacente a essa regra tem a ver com o status fonológico dessas vogais na sílaba e não com a estrutura silábica em si. Sejamos mais claros: as vogais /i/, /u/, no português, quando acompanhadas de outras vogais, formam ditongos e, nesses casos, são vogais que não ocupam o núcleo silábico e são consideradas classicamente como semivogais, que são, de acordo com Camara Jr. (1992), variantes posicionais das vogais /i/, /u/. Assim, a ausência do acento gráfico sinaliza para o leitor que a letra –i representa uma vogal que não é o núcleo da sílaba, formando uma sequência VV que é, de fato, ditongo.

Por outro lado, a presença do diacrítico indica um outro status para a vogal que

recebe o acento gráfico, qual seja, uma vogal silábica, isso é, que ocupa núcleo da sílaba, formando uma sequência VV, que é hiato e não ditongo. As formas ortográficas ‘pau’ e ‘baú’ evidenciam perfeitamente a lógica subjacente no uso do diacrítico na segunda forma: essa vogal é núcleo de sílaba, e por isso temos a sequência de duas vogais silábicas; já na primeira forma, que não tem o acento gráfico sobre a vogal –u, é uma vogal assilábica e, por isso, temos um ditongo. As palavras ‘cuíca’ e ‘muito’, apresentadas em (8), têm exatamente essa lógica. Em ‘cuíca’, o acento gráfico no –i informa que essa vogal é núcleo de sílaba, formando um hiato com a vogal anterior, ao passo que em ‘muito’, a ausência desse acento gráfico significa que o –i é vogal assilábica que forma com a vogal anterior um ditongo.

Mas como explicar os dados em (9)? Segundo a regra ortográfica, não se acentuam os hiatos perto de –nh. Vejamos que, embora haja uma regra que diga que se deve acentuar –i, –u em contexto de hiato, quando o –i é sucedido pelo –nh a regra não se aplica. Qual a razão para essa não atribuição do acento gráfico?

Talvez uma explicação possível para essa regra esteja na natureza fonológica da nasal palatal que segue a vogal –i do hiato, a saber, segmento fonologicamente geminado, formado por duas nasais palatais e não uma: /ɲɲ/ (WETZELS, 2000). A hipótese de que o português tenha uma nasal palatal geminada justifica alguns fatos curiosos na língua, como lembra o autor: 1) a nasalidade fonética de uma vogal que antecede uma nasal palatal ocorre independentemente de sua posição na palavra, assim como ocorre com a nasalidade fonológica, que é caracterizada pela presença do elemento nasal na posição de coda; 2) a não ocorrência de nasal palatal em início de palavra. Essa consoante só ocorre no meio de palavras; 3) e a não ocorrência de sílaba pesada antes de nasal palatal, quer formada por CVC ou ditongo, encontrada com frequência em contextos de outras nasais em posição de ataque como em ‘alma’, ‘andaime’, ‘cisne’, ‘baunilha’.

De acordo com a proposta de Wetzels (2000), essas restrições estariam ocorrendo justamente porque essas nasais palatais são fonologicamente geminadas. Na estrutura silábica, a primeira porção da consoante estaria ocupando a posição de coda de uma sílaba, tornando-a pesada, e a segunda porção estaria ocupando o ataque da sílaba imediatamente seguinte. Assim, fonologicamente, essa consoante seria complexa, hipótese que encontra amparo em dados do português arcaico (MASSINI-CAGLIARI, 2006).

A hipótese da nasal palatal ocupando o ataque de uma sílaba e a coda da sílaba anterior, segundo Wetzels (2000), explicaria o fato de, no PB, nunca termos ditongo antes de uma nasal palatal e somente hiato, como em ‘rainha’, ‘ladainha’, ‘moinho’, ‘bainha’, ‘tainha’, entre outros exemplos. A presença de uma nasal palatal subjacente torna essa sílaba pesada, impedindo a ocorrência de um ditongo. Dessa forma, a não marcação gráfica de palavras como ‘rainha’, ‘moinho’ não é uma idiosincrasia do hiato perto de nasal palatal, mas resultado da aplicação da regra 4 do algoritmo, assim como ocorre em ‘caindo’, ‘traindo’, ‘ainda’.

Curiosamente, no acordo ortográfico, sem qualquer justificativa e sem qualquer amparo teórico, a orientação para a não marcação gráfica do –i perto do nh aparece ao lado da justificativa para essa não marcação para os casos em que a vogal ocorre perto de “(...) l,

m, n, r e z: ‘bainha’, ‘moinho’, ‘rainha’; ‘adail’, ‘paul’, ‘Raul’; (...)” (BRASIL, 2014, p. 22). Não sabemos como base em quê, mas, no acordo, a vogal –i, perto de nh, é considerada sílaba pesada⁹.

A excepcionalidade de uso de marcação gráfica em hiato pode ser observada em ocorrências como ‘país’ e ‘caís’ (2ª pessoa plural, presente do indicativo), que não atendem à linha de comando 1 do algoritmo, que não prevê marcação gráfica quando a última sílaba é pesada e tônica. Essa marcação gráfica é para indicar que a) o status fonológico de vogal –i silábica de ‘país’ e ‘caís’ é diferente, portanto, do status fonológico da vogal -i assilábica de ‘pais’ e ‘cais’; b) que embora –is de ‘país’ e ‘caís’ seja silábica como –is de ‘abacaxis’ e ‘gibis’, ela forma hiato com a vogal anterior, o que não se observa em –is de ‘abacaxis’ e ‘gibis’.

A marcação gráfica é dispensada quando a palavra é grafada com –z, como em ‘raiz’, ‘juiz’, pois não se tem na língua ocorrência de –i assilábico seguido da letra –z. A marcação gráfica em –is silábico em oposição ao –is assilábico está subjacente na acentuação gráfica de ocorrências como ‘egoísta’, ‘altruísmo’.

As análises das possíveis exceções de acentuação gráfica aqui desenvolvidas nos municiam para afirmarmos que mesmo essas aparentes exceções não são propostas arbitrárias, mas são marcações gráficas que registram outros aspectos marcados do funcionamento do sistema fonológico e ortográfico que sobrepõem a estrutura silábica.

Um algoritmo de marcação gráfica que seja eficaz não deve perder de vista as exceções. Assim, o algoritmo proposto no quadro 8 deve ser revisto de forma a contemplar os usos ou não usos das marcações gráficas que saem das linhas de comandos guiadas pelo binômio da estrutura silábica da última sílaba e tonicidade, bem como deve contemplar os usos e não usos das marcações gráficas guiadas pelo status fonológico assilábico ou silábico das vogais –i, –u, na formação de ditongos e hiatos, respectivamente. Dessa forma, buscando contemplar esses ajustes, apresentamos, no quadro 9, o algoritmo do quadro 8 revisto.

Quadro 9 – algoritmo de acentuação gráfica do Português: regra geral e exceções

A) ESTRUTURA SILÁBICA DA ÚLTIMA SÍLABA		
1) Se US C ₀ VV ou C ₀ VC T	→	não atribuir acento gráfico
* exceto em sílabas –as; –es, –os *exceto em sílabas –eu(s), –oi(s), –em(ens)		
2) Se US C ₀ VV ou C ₀ VC A	→	atribuir acento gráfico na sílaba tônica (penúltima ou antepenúltima)
*exceto em sílaba –em		
3) Se US C ₀ V T	→	atribuir acento gráfico
* exceto em sílabas formadas com –i(s), –u(s)		
4) Se US C ₀ V A	→	Atribuir acento gráfico só nos casos em que a antepenúltima sílaba for tônica

⁹ Cumpre ressaltar que, em nota de rodapé, Wetzels (2000) chama a atenção para o fato de o nosso sistema ortográfico assumir –i.nh como sílaba pesada, e por isso não orientar o uso do acento gráfico, mas não estender a mesma linha de raciocínio para o –u perto da lateral palatal, considerada pelo autor como uma consoante também geminada, representada pelo dígrafo lh, e orientar o acento em faúlha. Nossa hipótese é que, nesse caso, o acento é orientado porque a sequência –u.lh é rara na língua e, especialmente, a palavra faúlha, contraexemplo usado pelo autor, pouco coloquial.

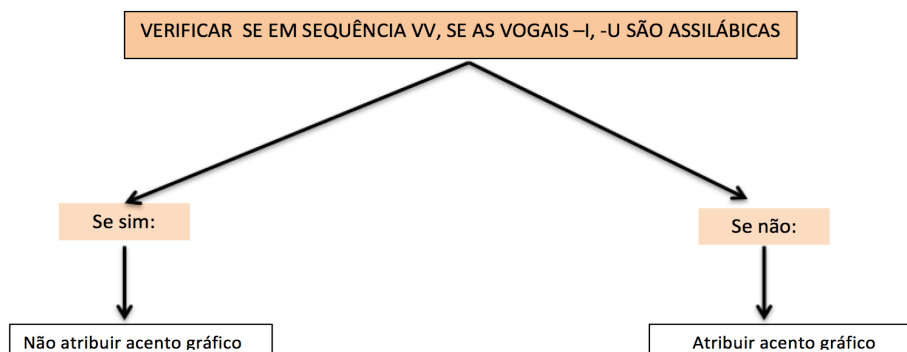
B) STATUS FONOLÓGICO DAS VOGAIS –I,-U		
5) Se vogal –i ou –u As T	→	não atribuir acento gráfico
6) Se vogal –i ou –u S T	→	atribuir acento gráfico
* exceto quando –i seguida de nh		
7) Se vogal –iC ou –uC S T	→	não atribuir acento gráfico
* exceto quando for –is		

Onde:
US = última sílaba tônica
C ₀ VV ou C ₀ VC = indicam sílabas pesadas
T= tônica
→ = então
A= átona
C ₀ V = indica sílaba leve
As = assilábica
S = silábica

Fonte: elaboração dos autores.

Assim como foi proposto um protocolo de parcimônia para atribuição da regra geral de acentuação gráfica que tem como parâmetro a estrutura da última sílaba (figura 2), propomos também um protocolo de parcimônia para a regra geral de atribuição ou não do acento gráfico que tem como diretriz o status fonológico das vogais –i,-u na sequência VV, conforme figura 3.

Figura 3 – Protocolo de parcimônia para acentuação gráfica ou não de vogais –i,-u assilábicas ou não.



Fonte: elaboração dos autores.

Ambos os protocolos (Figuras 2 e 3) são idealizados com o objetivo de otimizar o ensino aprendizagem e o uso das regras gerais de acentuação gráfica. Defendemos que, ao se compreender a parcimônia central que embasa a tendência geral de atribuição gráfica prevista na ortografia brasileira, somos capazes de derivar as exceções a essas regras e também compreender os princípios que as motivam.

Percorremos, até aqui, um caminho no qual mostramos que a utilização do acento gráfico parte dos casos marcados da pauta acentual fonológica, o que nos permitiu gerar um algoritmo acentual e propor, a partir desse algoritmo, um protocolo de parcimônia de

atribuição ou não de acento gráfico. Assim, avançamos um pouco mais e conseguimos estabelecer de forma explícita a relação entre estrutura silábica e acentuação gráfica, já apontada na literatura. Portanto, podemos afirmar que conseguimos alcançar o nosso objetivo principal, que só foi possível depois de algumas reflexões teóricas. Um balanço geral do caminho percorrido até aqui é apresentado a seguir.

Enfim, um balanço geral

A ortografia é um mecanismo de padronização da escrita, e as regras previstas nesse sistema devem ser seguidas por todos os seus usuários. Assim deve ser o uso do acento gráfico, cujos usos variaram ao longo da história da escrita do Português, mas que hoje conta com um conjunto de 6 regras e 25 orientações de usos estabelecidos no acordo de 1990.

Cumprindo o papel de normatização do componente curricular mínimo a ser trabalhado nas escolas, a BNCC prevê o ensino de sílaba e acentuação gráfica nas séries iniciais do ensino fundamental I. Contudo, como mostramos, a orientação de como se trabalhar esses conteúdos é equivocada. Como reflexo da orientação da BNCC, o ensino de acentuação gráfica é fragmentado, desarticulado e arbitrário, sendo pautado na regra pela regra. Esse tipo de ensino das regras de acentuação gráfica tem se mostrado pouco eficiente e os nossos alunos têm apresentado cada vez mais dificuldade de usar com proficiência o sistema de acentuação gráfica.

Buscando dar uma contribuição mais direta para o ensino de acentuação gráfica, neste artigo propusemos um algoritmo de acentuação gráfica ancorado no princípio da estrutura da última sílaba da palavra e do status fonológico das vogais /i,u/. Com isso, fomos capazes de mostrar qual é de fato a relação que existe entre a estrutura silábica e o uso ou não do acento gráfico, evidenciando que não há arbitrariedade nas indicações das marcações gráficas. Muito pelo contrário, a atribuição ou não da acentuação gráfica pode ser feita seguindo um protocolo de parcimônia derivado do algoritmo de acentuação gráfica. Esperamos que o algoritmo e o protocolo de parcimônia contribuam para mudar o quadro de falta de proficiência no uso dos acentos gráficos por escreventes brasileiros.

Referências

AMORIM, L. M. A.; BARBOSA JÚNIOR, F. R. Complexidade do uso da acentuação gráfica na língua portuguesa. *Maiêutica*, Indaial, v. 1, n. 1, p. 47-55, 2013.

BARRETO, L. S. Acentuação das palavras paroxítonas à luz da teoria linguística: uma proposta de intervenção no 9º ano do Ensino Fundamental. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2018.

BISOL, L. O acento e o pé métrico. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 98, p. 25-36, 1994.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, n. 5, p. 185-168, 1989.

BRASIL. *Acordo ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas.* –

2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CAGLIARI, L.C. *A história do alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização & linguística*. 6ª ed. São Paulo: Paulistana, 1993.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

CASTELO, A., SOUSA, O. Desempenho ortográfico em estudantes do ensino superior – a acentuação gráfica. *Da investigação às Práticas*, v. 7, n. 3, p. 84-108, 2017.

CESCHIN, O. H. L. Acentuação gráfica – mudança de metodologia. *R. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 259-270, 1988.

CEZAR, K. P. L. Acentolândia: criação e aplicações de um jogo de regras sobre acentuação gráfica para séries iniciais do ensino fundamental. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: Bisol, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3a. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001. p. 125-158.

COUTO, A. L. S. ; GUIMARÃES, D. M. L. O. O acento gráfico no Ensino Fundamental II: reflexões sobre os textos dos alunos e práticas possíveis. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 177-194, 2020.

CRISTÓFARO SILVA, T. ALMEIDA. L.S, MARRA. A. Fonologia, acentuação gráfica e ensino. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 430-449, 2020.

FARACO, A. C. *Escrita e alfabetização*. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, M. F. *Madureira Feijó/ Ortografista do século XVIII/ Para uma história da ortografia Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

HAYES, B. P. A metrical theory of stress rules. 1980. 343 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Linguística e Filosofia - MIT, Cambridge, 1980.

KALINOVASKI, E. F. Acentuação gráfica na escrita inicial: a circulação da criança por práticas de letramento e de oralidade. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

KURY, A. G. *Ortografia, pontuação e crase*. Rio de Janeiro: FENAME, 1992.

LEE, S. H. O acento primário do português do Brasil. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 5-30, 1997. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.6.2.5-30>

LEE, S.H. A regra do acento do Português: outra alternativa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4 p.37-42, 1994.

MARRA, A. V. Acentuação gráfica no português brasileiro: desafios para a escrita infantil. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

- MASSINI-CAGLIARI, G. Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso da acentuação no Português. 1995. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Unicamp, Campinas, 1995.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Da possibilidade de geminação em português: um estudo comparado entre o Português Arcaico e o Português Brasileiro. In: HORA, D.; *et al.* (Orgs.) *Língua(s) e povos: Unidade e diversidade*. João Pessoa: Ideia, 2006, p. 72-80.
- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Categoria gráfica e funcional na aquisição da escrita e da leitura em língua materna. *Caleidoscópio*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 89-94, 2004.
- MATEUS, M. H. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 3, p. 159-180, 2006. <https://doi.org/10.22481/el.v3i1.1014>
- MENON, O. P. S. Acentuação gráfica. *Letras*, Curitiba, v. 31, p. 103-113, 1982.
- MIRANDA, A. R.; MATZENAUER, C. L. Aquisição da Fala e da Escrita: relações com a Fonologia. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 35, p. 359-405, 2010.
- MONTEIRO, C.; MELO, G. C. Breve história da ortografia portuguesa: períodos, reformas e acordos. *Revista de Villegagnon*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 58-63, 2009.
- NEGRO, H. O. A representação dos diacríticos em ortografia seiscentistas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 603-614, 2017. <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1620>
- NEGRO, H. O. B. Emprego de sinais diacríticos em manuscritos dos séculos XVII e XIX: entre pensares linguísticos e as práticas sociais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 730-744, 2014.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Foris: Dordrecht, 1986.
- NEY L. A. G.; MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre o acento gráfico na aquisição da escrita: ortografia e fonologia. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, n. 3, p. 223-248, 2019. <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p223>
- NEY, L. A. G. Éra, éla, córda: a utilização do acento gráfico em textos espontâneos das séries iniciais e as relações com a fonologia. In: Encontro de Pós-Graduação/Mostra Científica UFPel, 2009, Pelotas/RS. *Anais do XVIII CIC/XI ENPOS/I Mostra Científica UFPel Mostra Científica da UFPel*. Pelotas: UFPel, 2009. p. 1-5.
- NEY, L. A. G. Acentuação gráfica na escrita de crianças das séries iniciais. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012
- OLIVEIRA, A. M. G. P. Sílabas e tonicidade: O uso do algoritmo acentual no ensino do acento gráfico. 2021. 96 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.
- OLIVEIRA, M.; SILVA, A. C.; PACHECO, V. Estrutura da sílaba e acento tônico: novos caminhos e estratégias para o ensino de acentuação gráfica. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 344-367, 2020.
- RODRIGUES, M. H. Aspectos Sociolinguísticos. In: Projeto Diversidade Linguística na escola portuguesa: Mandarim. Lisboa: Revista Lusófona de Educação, n. 18, ILTEC. 2003. p. 1-3.

- RODRIGUES, A. M. Acentuação gráfica e jogos educativos: uma proposta pedagógica. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.
- SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. V.; SMITH (Eds.) *The structure of phonological representations* - Part 2. Foris: Dordrecht, 1982. p. 337-384.
- SILVA, A. C. Estrutura da sílaba e acento fonológico: novos caminhos e estratégias para o ensino de acentuação gráfica. 2018. 217 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Profletras – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.
- SILVA, A. C.; OLIVEIRA, M.; PACHECO, V. Primeiras impressões sobre o emprego do acento gráfico por alunos do nono ano. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 9., 2017, Vitória da Conquista. *Anais do IX Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos* Vitória da Conquista, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017. p. 11-18.
- SILVA, J. P. A acentuação gráfica em uma só regra. A lógica da acentuação gráfica em português. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 7-15, 2007.
- TREVISAN, C. *Os chineses*. São Paulo: Contexto, 2009.
- WETZELS, L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5- 15, 2000. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.9.2.5-15>

Recebido em: 14/06/2021.

Aceito em: 16/11/2021.